

Sobre *A sabedoria da incerteza*: tentativa de resposta desconcertada e incompleta

Maria do Rosário Lupi Bello

Ricardo Gil Soeiro, *Da ruína da palavra à magia do nome. Antologia Crítica e Pessoal*. Matosinhos, Seda Publicações, 2019, pp.109-117.

Foi Charles Péguy um dos escritores que mais se preocupou em abordar a questão da essencialidade da leitura como acto de responsabilidade. Uma responsabilidade desconcertante, feita de colaboração íntima, suprema e singular, acto de resposta e de amizade, voz que ecoa no espaço deixado entre a proposta expectante do texto e a presença desejosa e acolhedora do seu destinatário, estabelecendo o vínculo de justiça que permite completar o destino da obra.

La lecture [...] est une mise en œuvre, un achèvement de l'opération, une mise à point de l'œuvre [...]; c'est une œuvre qui (enfin) emplit sa destinée. Elle est ainsi littéralement une coopération, une collaboration intime, intérieure; singulière, suprême; une responsabilité ainsi engagée aussi, une haute, une suprême et singulière, une déconcertante responsabilité. (Péguy, 1916 : 26)

É precisamente como leitor que o crítico George Steiner prefere identificar-se, sem porém deixar de alertar para as implicações mais arriscadas dessa responsabilidade: esse convidado que é o texto pode bater à nossa porta durante a noite, e ao deixá-lo entrar corremos o risco de que destrua e incendeie a casa inteira. A resposta ao texto, à “presença e à voz de outrem” não pode deixar de ser incondicional, exige radical abertura e coragem, não consistindo num mero exercício intelectual, mas antes convocando o todo do leitor. Entre o risco de ler e o risco de viver são mais fecundas as analogias do que as dissemelhanças, já que o tecido de ambos os fenómenos radica na experiência do encontro, no acolhimento da voz do outro, num acto de empenho e de gratidão, de curiosidade e de desejo, feito de amor e de responsabilidade.

Como leitora de *A Sabedoria da Incerteza* essa é a minha primeira resposta ao texto – o sentimento de enriquecimento e de gratidão pelo contributo real que uma obra como esta oferece a quem a encontra. Não são muitos, em Portugal, capazes – como Ricardo Gil Soeiro – de abordar a literatura com uma tal paixão, um tal rigor

sistemático, uma tal humildade intelectual, genuinamente curiosa, inteligente, laboriosa e cheia de desejo de apreensão, determinada mais pelo valor do objecto olhado do que pela construção de um trajecto próprio, ainda que legítimo e necessário. Nesta posição inscreve-se a moralidade do acto de conhecer, que é caracterizado pelo *affectus*, a atitude de despojamento, a disposição de alma que aceita deixar-se “afectar” pelo encontro feito e voltar sempre a partir desse ponto afectivo e convincente, que abre à novidade, à surpresa, ao desconcerto e, por isso mesmo, à mudança.

“O ser humano é uma corda esticada entre o animal e o Superhomem – uma corda sobre um abismo”, lembrava-nos Nietzsche. Não há possibilidade de verdadeira leitura literária sem a disponibilidade para o pressentimento, ou mesmo o reconhecimento, deste abismo humano, e é para o grave risco da desconsideração deste facto que, em última instância, nos alerta Tzvetan Todorov, com o seu *La littérature en péril* (2007). Do mesmo modo, Gertrude Himmelfarb, em *On looking into the abyss* (1994: 4), recorda Nietzsche, lembrando o lamento do professor Lionel Trilling perante aquele pobre olhar sobre a literatura e o seu ensino que a domestica e reduz a objecto de dissecação científica ou diletante, terrivelmente capaz de transformar a profunda experiência espiritual e emocional da leitura em mero exercício académico, distanciado e estéril. Nesse caso,

Instead of hearing the writer’s ‘wild cry’ of terror, passion, mystery, rage, rapture, despair, the students heard themselves (and perhaps their professor) discoursing, seriously and sophisticatedly, about *Angst*, alienation, authenticity, sensibility. The result was to vitiate the works themselves and bring about precisely the opposite of their intended effect: “the socialization of the anti-social, or the acculturation of the anti-cultural, or the legitimization of the subversive”.

Ora, lidar com a discussão sobre a dimensão ética da literatura e sobre a incerta sabedoria que ela pode oferecer está no pólo oposto desta perigosa redução, já que implica, desde logo, o reconhecimento da potência cognitiva e comunicacional do texto literário e admite, portanto, o seu poder transformador, radicado numa ontologia estética passível de abordagem filosófica e impregnada de potenciais consequências existenciais. Muitos professores, críticos e estudantes ganhariam seriamente com o honesto confronto desta abordagem, que insere o estudo do texto literário numa linhagem de autores e teóricos aos quais Ricardo Gil Soeiro faz

repetidamente referência (Zembrano, Bachelard, Derrida, Heidegger, Caputo, Joan-Carles Mélich, Rorty, Steiner, entre muitos outros) e que sabem olhar o fenómeno literário com aquela espécie de contida veneração, com aquele espanto irreprimível que a salva de qualquer tipo de amesquinhamento ou manipulação.

Há, pois, razões de sobra para saudar este ensaio de Gil Soeiro, publicado em 2015 como resultado da sua investigação pós-doutoral e continuado em reflexões posteriores, das quais é de destacar o volume *Poéticas da Incompletude*, de 2017, valiosa contribuição num tempo em que as humanidades continuam a dar sinais de uma crise ainda não superada.

A questão de base, que em ambos os livros é colocada, apesar da entrada por portas diferentes, poderia conjugar-se na pergunta bifacetada: “O que pode a imaginação literária? A que nos obriga a poética do texto?”. O volume de 2015 aponta, se quisermos sintetizar – necessariamente simplificando –, para uma dupla constatação: por um lado, a imaginação literária não é de raiz cartesiana nem ideológica; não exprime verdades absolutas nem certezas inabaláveis, mas antes alimenta-se, como afirma Milan Kundera, de múltiplas verdades contingentes, aceitando, humilde e corajosamente, a sabedoria da incerteza, própria da inalienável ambiguidade que constitui o viver humano. Por outro lado, é precisamente por abdicar de uma certeza definitiva e total que a literatura se revela capaz de abertura ao outro; aliás, é o fruto dessa sua natureza – a sabedoria da incerteza contida na imaginação poética – que acarreta uma dimensão ética, obrigando a uma disponibilidade à alteridade. A literatura – e, por consequência, aquele que a recebe – não pode, pois, deixar de acolher; o literário é feito dessa natural obrigação, não podendo deixar de ser ético, sob pena de se negar e perder.

Estes dois pontos nucleares na reflexão de Ricardo Gil Soeiro ganham profundidade e transparência nas análises textuais que são levadas a cabo no livro e que incidem na abordagem crítica a cinco obras, organizadas de forma não cronológica mas antes obedecendo ao fio do raciocínio do autor: *Der Tod des Vergil* (1945), de Hermann Broch; *Elizabeth Costello* (2003), de J. M. Coetzee; *Lisboaleipzig 1. O encontro inesperado do diverso* (1994), de Maria Gabriela Llansol; *Água Viva* (1973), de Clarice

Lispector e *Bartleby y Compañía* (2000), de Enrique Vila-Matas. São estudos apurados e atentos, estabelecidos em forma de pergunta e de diálogo, colhendo nos textos escolhidos as suas múltiplas sugestões e ajudando o leitor a compôr a aquitectura do seu pensamento, que se processa nesse vai-vém de iluminação e questionamento, de dúvida e confirmação, de aprofundamento e gratidão.

Apostando na responsabilidade que esse “acto comum” da leitura envolve, na acepção de Péguy – essa operação comum entre quem lê e aquilo que é lido, entre a obra e o leitor, entre o autor e o leitor –, gostaria de sublinhar brevemente os três aspectos que ecoaram em mim com maior intensidade.

Antes de mais, o sublinhado, absolutamente indispensável, do valor do texto literário como espaço que recupera “esse ser esquecido”, nas palavras de Kundera, que é o próprio ser humano, e que o retoma precisamente na sua dimensão de vulnerabilidade e de contingência, de dúvida e de hesitação, de drama e, como diria Manuel Gusmão, de “deficiência”. Neste sentido, o valor do literário é também o da visibilidade da condição humana como necessitada. Ao contrário da euforia hiper moderna, crente no progresso do próprio indivíduo e confiada na possibilidade de auto-suficiência e de independência última do ser humano, a posição prescrita por Ricardo Gil Soeiro, na continuidade de um pós-modernismo que busca um necessário auto-criticismo e aposta numa certa reserva de prudência teórica, admite a incompletude do humano e vê na sua condição estrutural de “dependência” (o termo é meu) uma possibilidade positiva de conhecimento. Nesta dramática admissão esconde-se, de forma mais ou menos velada, mais ou menos patente, o vector mais profundamente religioso (no sentido etimológico de *re-ligare*) do texto literário, enquanto expressão estética que é sempre, ultimamente, de desejo e de pergunta, (“Eu sou uma pergunta”, afirma explicitamente a narradora de *Água Viva*, como lembra na página 130 Gil Soeiro), e que se configura, portanto, como tentativa de estabelecimento de indispensáveis e desejáveis pontes, assentes no reconhecimento da própria insuficiência.

Um dos contos de Sophia de Mello Breyner Andresen, “A Viagem”, incluído nos seus *Contos Exemplares*, fornece um bom exemplo disso mesmo. Parábola da própria vida – na qual um homem e uma mulher avançam, hesitantemente, através de uma estrada

cheia de encruzilhadas, devendo constantemente tomar decisões, até ao ponto em que se reconhecem totalmente perdidos –, o conto termina de forma abrupta com a queda do homem no vazio escuro de um precipício e com o grito da mulher que, sentindo iminente a sua própria queda, pensa: “Do outro lado do abismo está com certeza alguém. E começou a chamar” (Andresen, s/d: 111). Neste grito de quem se sabe contingente e frágil, incapaz de se oferecer a si mesmo a resposta – mas que ao mesmo tempo reconhece poder apostar no próprio desejo, sinal natural, ontológico, da razoabilidade da esperança –, está muito daquilo que a generosidade do fenómeno literário tem para oferecer a quem o encontra. A incerteza é sábia quando não se fecha no niilismo desesperado ou na fria teorização, pois, como diria o sábio orador Padre António Vieira, só o “non” é terrível – e estéril – já que, por cada lado que se olhe, é sempre “non”. Pelo contrário, como sublinha Geneviève Brisac (Finkielkraut, 2006: 117), a propósito da dramática obra *Histoire d’une vie*, de Aharon Appelfehd, “La *happy end* n’est pas qu’une invention artistique, elle est ancrée, manifestement, dans l’esprit de l’homme”.

Também em Clarice Lispector, autora escolhida por Gil Soeiro, é possível encontrar a afirmação desta contingência e desta mesma falta e necessidade, até ao ponto, mais preciso e concreto, que se exprime no desejo de “pertencer”. Como conta a sua biógrafa Nádia Gottlib (1995: 127), é desde cedo que Lispector sente ser demasiado triste pertencer apenas a si mesma. “Quase consigo me visualizar no berço, quase consigo reproduzir em mim a vaga e no entanto premente sensação de precisar pertencer. Por motivos que nem minha mãe nem meu pai podiam controlar, eu nasci e fiquei apenas: nascida”. Nascer não basta, não basta existir, e a literatura é lugar privilegiado onde se manifesta esta inquietação estrutural do humano, a nostalgia de absoluto que em Hermann Broch se traduz, de forma tão pungente, na sua formulação da “esperança contra a esperança”, no desejo de uma pertença que responda plenamente ao intolerável e irrazoável vazio.

É no terreno desta contraditória e obscura esperança que Paul Célan fundamenta o seu credo estético, aceitando, como bem recorda Ricardo Gil Soeiro (2015: 97-98), “na indigência da época, a responsabilidade do labor poético”. Por isso mesmo, nele “podemos vislumbrar um movimento complexo que nos conduz da ética do silêncio a

uma poética do encontro”. E aqui radica precisamente o segundo ponto que gostaria de glosar: ressalta, desta *Sabedoria da Incerteza*, a dimensão inalienável do humano como ser relacional, reflectida na natureza dialógica e hospitaleira do texto literário. Gil Soeiro faz, muito justamente, na esteira de diversos autores e pensadores para os quais remete, a apologia do encontro como substância intrínseca ao texto. Não deixa, porém, de existir aqui, em alguns desses autores – permita-se-me a ingénua galhardia – uma aparente tensão irresolúvel, pois se se admite, como defende por exemplo Richard Rorty, que a razão literária está aberta à alteridade, ao acontecimento do “outro”, é decisivo compreender que essa premissa dificilmente é viável sem a presença consistente do seu contraponto, o “eu”. Ora, bem sabemos, como lembra Gil Soeiro retomando Heidegger, que a situação do homem contemporâneo reflecte a existência do Ser e não a do sujeito, e que o próprio Beckett admitiu explicitamente que o sujeito [já] não importa. Qual é então a origem da “imaginação empática” a que se refere Coetzee, onde se localiza esse ser que se “compadece” do outro, como preconiza Nussbaum? Pode o texto assumir por si mesmo essa plena e profunda responsabilidade?

No livro de debate acerca da literatura organizado por Alain Finkielkraut intitulado *Ce que peut la littérature* (2006), acima referenciado – no qual se discutem as obras de autores como Albert Camus, Joseph Roth, Aharon Appelfehld, Michael Coetzee, Céline, Aragon, Pasternak, entre outros – o organizador afirma, a propósito de Appelfehld e do seu testemunho acerca da experiência dos campos de concentração e da descoberta de que “Deus só pode residir no campo”, que “la Shoah ne fut pas tant, pour les Juifs, l’épreuve du silence de Dieu que l’incroyable événement de l’*Homo absconditus*” (Finkielkraut, 2006: 118). Nesta desapareição do ser humano enquanto aquele que sabe dizer “eu” – aquele ponto da realidade onde esta toma consciência de si – radica provavelmente grande parte do drama da literatura moderna e contemporânea, aberta ao “tu” e desejosa de um abraço que parece não poder ser estreitado.

Para Milan Kundera “é precisamente ao perder a certeza da verdade e o consentimento unânime dos outros que o homem se torna indivíduo. O romance é o

paraíso imaginário dos indivíduos. É o território onde ninguém é possuidor da verdade, nem Anna nem Karenine, mas onde todos têm o direito de serem compreendidos, tanto Anna como Karenine” (*Apud* Soeiro, 2017: 20). Esta afirmação, de inegável densidade e de evidente pertinência, talvez possa ser flectida num comentário e num *desideratum* com o qual gostaria de fechar – sem concluir – o presente ensaio.

A autêntica leitura consiste – já o ouvimos dizer, já o dissemos diversas vezes e o autor de *A Sabedoria da Incerteza* soube demonstrá-lo eficazmente de variadas formas – na experiência de um “encontro”. Mas vale agora a pena considerar brevemente mais de perto o significado da palavra “experiência”.

É impossível não relembrar o juízo de Walter Benjamin sobre a crise da experiência nos tempos modernos – que, na sua opinião, terá levado à crise da narrativa –, em consequência do peso que o paradigma da informação introduziu na sociedade hodierna, transformando em “aqui” e “já”, e em simplificada e explicada transparência, aquilo que desde sempre fascinou o ser humano: o afastamento espacial ou a distância temporal, factores originantes do sentido de enigma e de mistério, da possibilidade de espanto e de novidade e do consequente desejo de os vivenciar e transmitir.¹ Na verdade, escreve-se ou conta-se porque alguma coisa aconteceu, e o texto que nasce torna-se, ele próprio, acontecimento para quem o lê. Tal fenómeno pressupõe uma competência hermenêutica por parte do leitor, a sua capacidade de estabelecer a relação entre a coisa que lê e o todo da existência, de forma a captar o(s) seu(s) possível(is) sentido(s), sem o que a experiência propriamente dita não acontece, permanecendo o acto de leitura, na melhor das hipóteses, como puro exercício intelectual ou fenómeno emocional. Mas da autêntica leitura estética não resulta tanto uma mera reacção sentimental nem uma constatação teórica quanto um estremecimento existencial perante a concretude do mundo encontrado, que actua no leitor como factor de possível, talvez inevitável, mudança.

¹ No livro de entrevistas ao realizador português Manoel de Oliveira, intitulado *Conversas com Manoel de Oliveira*, organizado por Antoine de Baecque e Jacques Parsi, há um episódio curioso relatado pelo cineasta (1999: 65): “Um dia, falava com André Bazin a respeito de Jean Renoir, de quem ele gostava muito e eu também porque Renoir fala do mistério, sempre o mistério... e eu perguntei: ‘E René Clair?’. Bazin respondeu-me: ‘René Clair? É demasiado claro (em francês, *trop clair*)’”.

Por isso, a autora americana Flannery O'Connor, que era frequentemente convidada a fazer conferências para aspirantes a escritores, e que falava da literatura como sendo uma "arte encarnatória", gostava de avisar: "Some people have the notion that you read the story and then climb out of it into the meaning, but for the fiction writer himself the whole story is the meaning, because it is an experience, not an abstraction". (Fitzgerald, 1997: 73)

Assim, podemos talvez retorquir a Kundera que no paraíso imaginário do romance a verdade que importa, encontrada por nós, seres leitores, nunca é geral nem abstracta, mas sim pessoal e concreta, sem ter de ser necessariamente relativa. É fruto de uma experiência única, espiritual e intransmissível – onde a liberdade pessoal desempenha um papel decisivo, unindo razão e sentimento – e que, provindo do território literário, escapa, como diria Mona Ozouf (Finkielkraut, 2008: 19), à "tirania" da igualdade e da universalidade homologante e abstractizante, típicas de regimes políticos (como a própria democracia), antes se pautando pelos valores do singular, do diferente, do plural e do concreto, característicos da experiência artística. No romance, ninguém é possuidor da verdade, embora cada um deseje secretamente ser possuído por ela, vencido pela sua força persuasiva e regeneradora, tal como a de um machado que corte o mar gelado que temos dentro, na fabulosa formulação de Kafka sobre o poder do conto. Só a experiência autêntica pode salvar a certeza da sua tentação positivista, hegemónica e absolutizante, ancorando-a no terreno fértil do "coração inteligente".

A literatura tem, de facto, a capacidade de se abrir ao inteiramente outro, de renunciar ao totalitarismo cego e autotélico, a um "outro" que inclui o próprio enigma do "eu", tornando-se, assim, se recebida por aquilo que é, verdadeira companhia para a vida, "revelação do mundo", como afirma Tzvetan Todorov (2007: 72), podendo "transformar cada um de nós por dentro".

Ao escrever o epílogo deste seu denso, brilhante e provocador texto, Ricardo Gil Soeiro (2015: 166) retoma a sua defesa de que "longe de se enclausurar na prisão da linguagem, a arte nascida do riso de Deus aventura[-se] no labirinto da experiência humana, abrindo-se à alteridade – ao encontro com o totalmente Outro – e testando

novas possibilidades de estar-no-mundo e de dizer-o-mundo”. Que a literatura, onde as palavras se acendem, possa transportar esta frágil, incerta, incompleta e preciosa sabedoria, que abre o leitor ao pressentimento do mistério e ao desconcertado espanto da descoberta, é razão mais do que suficiente para nos regozijarmos no compromisso de a guardar como verdadeiro tesouro. Bem hajam todos os que, como Ricardo Gil Soeiro, a ela entregam energia, inteligência e coração.

Maria do Rosário Leitão Lupi Bello

Referências bibliográficas:

Andresen, Sophia de Mello Breyner (s/d). “A Viagem”. *Contos Exemplares*. Lisboa: Portugalíia Editora, pp. 79-111.

Baecque, Antoine de; Parsi, Jacques (1999). *Conversas com Manoel de Oliveira*. Porto: Campo das Letras.

Finkielkraut, Alain (2008). *Ce que peut la littérature*. Paris: Éditions Gallimard.

Fitzgerald, Sally and Robert (1997). *Flannery O’Connor. Mystery and Manners. Occasional Prose*. New York: The Noonday Press.

Gottlib, Nádia Battella (1995). *Clarice - Uma vida que se conta*. São Paulo: Editora Ática.

Himmelfarb, Gertrude (1994). *On looking into the abyss. Untimely Thoughts on Culture and Society*. New York: Vintage Books

Péguy, Charles (1916). *Clio. Dialogue de l’Histoire et de l’ame paienne. Œuvres Complètes de Charles Péguy 1873-1914. Œuvres Posthumes*. Paris: Éditions de la Nouvelle Revue Française.

Soeiro, Ricardo Gil (2015). *A Sabedoria da Incerteza. Imaginação literária e poética da obrigação. (Broch, Coetzee, Lispector, Llansol e Vila-Matas)*. V.N.Famalicão: Edições Húmus.

Soeiro, Ricardo Gil (2017). *Poéticas da Incompletude*. V.N. Famalicão: Edições Húmus.

Todorov, Tzvetan (2007). *La littérature en péril*. Paris: Éditions Flammarion.

